

Editorial

Foi com grande prazer que recebi a incumbência de apresentar aos leitores este número da *Estilos*. Na condição de editor estreante, sinto-me à vontade para falar de um tema que guarda relação com a idéia de estréia: mães e crianças.

Com efeito, a chegada de uma criança tem alguma relação com uma estréia, pelo menos no que diz respeito à expectativa de como vai ser, muito embora não se tenha chegado ali sem ensaios anteriores (afinal, quem não brincou um dia de ser papai ou mamãe?), nem sem um *script* (toda a rede significativa que tece a pré-história do sujeito) que marque as posições e as falas dos personagens.

Há uma impressão mais ou menos geral, do senso comum, e bastante difundida, de que as crianças de hoje em dia desenvolvem-se mais rapidamente; já nascem sabendo, dizem. Talvez esta impressão deva-se ao fato de que hoje em dia, por intermédio do discurso científico, sabemos mais sobre elas e, portanto, as vemos mais detalhadamente, o que, de qualquer modo, "felizmente", não retira delas o caráter "enigmático".

Desde muito cedo na história da psicanálise ocorreu a Freud dar relevância às "primeiras experiências" da vida de seus pacientes, e neste movimento não tardou a se interessar pela questão da mãe e seu filho.

Nesse momento da teorização, o que se podia vislumbrar dessa questão não vinha senão da construção mítica que o sujeito/paciente, agora já adulto, podia dizer sob transferência ao analista.

De lá para cá o modo de investigar essa questão alargou-se, em função do fato de que os analistas começaram a se ocupar dos pequenos, que ou estavam em via de realizar essa construção ou se encontravam impedidos de fazê-lo.

O campo da elaboração teórica do que se passa na relação mãe/criança conseqüentemente ganhou uma nova perspectiva.

Passou-se a admitir um diálogo mais fecundo com outros saberes, que, a seu modo, lançam luz sobre a complexidade de fatores que estão em jogo, principalmente nesses primórdios da constituição do sujeito.

A temática escolhida para este dossiê reflete um esforço atualmente realizado através de uma pesquisa de grande monta envolvendo profissionais de todo o Brasil que trabalham com bebês e crianças pequenas, e que talvez fosse impensável até há bem pouco tempo. Juntos, em torno de um projeto temático financiado pela Fapesp, esses profissionais dedicam-se a pensar em novas intervenções precoces de caráter preventivo de distúrbios do desenvolvimento.

Assumir esse diálogo talvez seja, além de uma responsabilidade teórica e profissional, uma forma de reconhecer que as teorias, quando se isolam em seus pressupostos, não fazem senão defender-se da angústia que toda criança, enquanto enigma, provoca, acreditando ter para este enigma a resposta definitiva.

A perspectiva editorial desta revista sempre incluiu um compromisso com o diálogo transdisciplinar, fundamentalmente por perceber, desde o começo, que para o enigma que é a criança, e para o que ela nos apresenta, não podemos responder com uma resposta-padrão, mas somente com um "estilo".

John Wilmot dizia:

"Antes de casar eu tinha três teorias sobre educar crianças. Agora eu tenho três crianças e nenhuma teoria".

É com esse espírito de estupefação diante do enigma/criança que convidamos os leitores a se arriscarem junto com os autores a teorizar sobre as mães e seus bebês. Boa travessia!

Rinaldo Volto Lini